

MEMÓRIAS E IDENTIDADES NA ESCOLA MUNICIPAL SÃO JORGE: ENTRE RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

MEMORIES AND IDENTITIES AT THE MUNICIPAL SCHOOL ST. GEORGE: BETWEEN EXPERIENCE REPORTS

Esp. Simone Aparecida Dupla*

Resumo:

Este artigo analisou as relações entre memória e identidade nos relatos de experiências das professoras da Escola Municipal São Jorge, de Ponta Grossa. Por meio dos conceitos de Michel de Certeau e Yi-Fu Tuan sobre espaço e lugar e, de memória e identidade de autores diversos buscou-se salientar de que forma as relações sociais e de poder interferem na construção de identidades. As identidades moldam memórias individuais e coletivas, compondo assim as características de determinados grupos, que embora coesos, não são de forma alguma homogêneos e passivos. Percebeu-se ao longo da análise que o lugar opera sobre as identidades tanto individuais quanto coletivas. Ao mesmo tempo este lugar é uma construção social e uma aspiração profissional que se transforma de acordo com os eventos, se movimenta e se altera formando identidades múltiplas, dinâmicas e significativas como as memórias que os atores sociais partilham.

Palavras-chaves: memória, identidade, ambiente escolar, narrativa, lugar.

Abstract:

This paper analyzed the relationship between memory and identity in reports of experiences of the teachers of the School São Jorge, Ponta Grossa. Through Michel de Certeau concepts and Yi-Fu Tuan about space and place, memory and identity of many authors aimed to highlight how the social and power relations interfere in the construction of identities. The identities shape individual and collective memories, thus making the characteristics of certain groups, although cohesive, are by no means homogeneous and liabilities. It was noticed during the analysis that the place operates on both individual and collective identities. While this place is a social construction and a professional aspiration that turns according to the events, moves and changes forming multiple, dynamic and meaningful identities as the memories that social actors share.

Keywords: memory, identity, school environment, narrative place.

O acontecimento ou o estopim do evento.

* Especialista em História, arte e cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG; Mestranda do programa de pós-graduação em História, Cultura e Identidades da Universidade Estadual de Ponta Grossa. (Bolsista CAPES). E-mail: cathain_celta@hotmail.com;

A notícia de que a escola iria fechar se alastrou como um rastilho de pólvora. Não se falava em outra coisa, fosse à entrada para as aulas, no intervalo ou na saída. Aliás, foi no intervalo que os ânimos se exaltaram, o café descontraído foi deixado de lado para discutir-se o destino das profissionais de ensino.

A indignação era geral, uma das professoras, em pé gesticulava e falava em voz alta: “E agora, vamos para onde? Estou aqui há muito tempo, não é certo que fechem a escola desse jeito sem levar em consideração nossa situação!”.

O desabafo da professora ecoava na boca das outras, algumas com mais outros com menos anos de casa. Nas falas exaltadas havia um destino comum compartilhado pelas professoras, uma identidade criada em suas práticas docentes e em suas relações com o cotidiano da escola o qual era possível entrever naquele momento, ou pelo menos dava a entender que emergia em meio àquele conflito.

Abri a porta da sala e olhei as crianças correndo pelo pátio, embora os gritos se espalhassem pelo ar, havia um estranho silêncio que me fazia pensar naquela situação toda de forma um tanto díspar do restante do grupo. Alguns argumentos e ideias levantados há pouco iam e vinham na minha mente, “chamar a comunidade, levantar a história da escola e sua importância para a comunidade, afinal a escola era patrimônio de todos²”.

Talvez não um patrimônio que pudesse ser tombado fisicamente, materialmente, mas a escola era patrimônio imaterial de suas professoras, seus alunos e da comunidade ao redor. Era muito mais que paredes e salas de aula vazias, era a identidade, o sentimento de pertencimento ao local, onde as memórias de educandos e educadores eram construídos e reconstruídos a cada dia letivo, memórias que eram guardadas por gerações, e que tornavam aquele espaço um lugar comum.

E foi essa situação que me colocou entre as narradoras de memórias, ou melhor, como a registradora de experiências das professoras dessa escola, que me fez pensar sobre as relações entre as identidades possíveis com o lugar e as características (ou função) das memórias construídas nesse espaço.

² Me coloco na narrativa para que o leitor possa entender em que momento surgiu minha problemática.

Para pensar essas relações utilizaremos os conceitos de Michel de Certeau e Yi-Fu Tuan sobre espaço e lugar. Para se discutir as relações entre memória e identidade buscamos embasamento em autores como Michel Pollack, Andreas Huyssen, Ulpiano de Menezes, entre outros. Buscou-se, por meio das narrativas responder de que forma as relações sociais, de poder e as vivências do cotidiano interferem na construção de identidades.

Mas quais seriam as características dessas identidades que emergem em meio a ameaça do caos? Que traços ligam pessoas com mentalidades e objetivos diferentes em torno de uma instituição? Há memórias construídas pelas professoras mais antigas que foram herdadas e compõem a memória coletiva do colegiado? Qual a importância desse ambiente para nas relações cotidianas de poder e sociabilidade?

As questões formuladas servirão de norte para este trabalho. As entrevistas realizadas com as professoras nos permitirão perceber o caminho trilhado pela história, a memória e a identidade de membros desse grupo.

Uma vez que os conceitos de experiência, lugar e espaço formam itinerários para a localização de identidades individuais e de grupos, os conceitos dos autores nos permitirão entrever as formas pelas quais estes sujeitos históricos constroem suas memórias e sua relação com o lugar.

Estas identidades moldam memórias individuais e coletivas, compondo assim as características de determinados grupos, que embora a princípio pareçam coesos, não são de forma alguma homogêneos e passivos. Suas relações podem demonstrar pensamentos díspares, conflitos de ideológicos e entre gerações distintas.

Nesse sentido, os trabalhos de Luisa Passerini (2013) lembram que o sujeito é moldado por meio de sua relação com o outro, essa relação é geralmente permeada de conflitos, os quais por sua vez geram memórias individuais e coletivas, forjando uma identidade unificada em torno de questões comuns.

No caso de identidades de classe, por vezes, não são perceptíveis a primeira vista, é necessário um evento singular para que essa emerja ou possa ser vista com alguns nuances mais contrastados. Assim a percepção de uma instituição como a escola como gerenciador de identidades e memórias partilhadas pode ser sentido quando um acontecimento atípico ocorre.

Eduard P. Thompson (2001) acreditava que era na contravenção que encontramos as regras, as normas de conduta aceitáveis de determinada comunidade. Assim a notícia do fechamento da escola aparece como um vento que desestabiliza as situações assentadas e esse desequilíbrio veio desencadear um sentimento de pertencimento ao lugar.

Esse evento singular, que tira os sujeitos de sua zona de conforto e os obriga a falar, a se manifestar, nos permite reconhecer algumas formas de operar os valores baseados em experiências pessoais e construídos por meio de estratégias do cotidiano.

Assim, as narrativas desses sujeitos históricos, podem nos possibilitam pensar memória e identidade como conceitos que se cruzam, que correspondem a universos individuais e coletivos localizados, e que podem, portanto ser mapeados.

Falando de memórias.

Andreas Huyssen, diz que a “memória é ativa, viva, incorporada no social, isto é, em indivíduos, famílias, grupos, nações e regiões” (HUYSSSEN, 2000, p. 36). Nesse sentido as considerações sobre o conceito de memória são importantes para nos situarmos em relação a nosso objeto e compreendermos os mecanismos de ação dos sujeitos históricos em suas práticas cotidianas. Os estudos de Michael Pollak (1992), por exemplo, mostram que a memória é um fenômeno individual, algo relativamente íntimo próprio da pessoa.

Já o estudioso da memória, Maurice Halbwachs, durante a década de 1930, via a memória como um fenômeno coletivo e social, construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes, mas onde havia também elementos irreduzíveis (POLLAK, 1992).

Esses elementos irreduzíveis seriam percepções comuns ao grupo a que essas memórias se relacionariam. Nesse sentido, algumas características comuns podem ser vistas nas falas das professoras dessa instituição, uma vez que elas perpassam o discurso de todas e caracterizam assim sua memória compartilhada.

É possível perceber algumas características apontadas por Pollak (1992) quanto à relação entre memória e identidade. Em relação à identidade Pollak argumenta que:

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLLAK, 1992, p. 204).

Ainda para o autor há alguns elementos constitutivos da memória, tanto individual quanto coletiva. Entre eles podemos destacar os acontecimentos vividos pessoalmente e os acontecimentos vividos pelo grupo ou coletividade a que a pessoa se sente pertencer, sem que necessariamente os tenha vivido, o que ele chama de memória herdada, ou o que poderíamos também denominar de memória apropriada.

E essa memória herdada se relaciona com a identidade, uma vez que para o autor, “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo” (POLLAK, 1992, p.204). Nesse sentido, Ulpiano de Menezes acredita que a memória seria um depósito de informações, conhecimento e experiências, “a memória de grupos e coletividades se organiza, reorganiza, adquire estrutura e se refaz num processo constante, de feição adaptativa. A tradição está sujeita à dinâmica social” (MENEZES, 1991, p.12). No entanto, Menezes, acredita que devido à heterogeneidade não poderia haver um resgate da memória, este seria apenas uma ilusão, uma vez que a memória é múltipla e readaptada constantemente.

Mas a memória como lembra Menezes (1991), é seletiva, pode-se lembrar de alguns fatos e omitir-se outros. Por isso a memória de um grupo apresenta-se muitas vezes como um quebra-cabeça ou um mosaico. Algumas personagens omitem fatos ou realizam apenas relatos parciais, esses silêncios por vezes são quebrados por outros personagens que tiveram a mesma experiência. Há casos, porém, em que o grupo omite ou reelabora suas narrativas para proteger-se ou enaltecer o ocorrido (POLLAK, 1989).

Como objeto da história, a memória vem ganhando popularidade nas últimas décadas com o movimento da história oral. Para Pollak (1989) a história oral ressaltou a importância de memórias subalternas que, “como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem a ‘Memória oficial’ no caso a memória nacional” (POLLAK, 1992, p. 5).

No entanto, memória e história são conceitos díspares, Menezes acredita que a “memória, como construção social, é formação de imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional. Não se confunde com a História, que é forma intelectual do conhecimento, operação cognitiva” (MENEZES, 1992, p.22). Embora como aponta Menezes a História não deva ser tratada como “o duplo científico” de Mnemosine, pois o historiador precisa sempre ter em conta a criticidade de sua função, a memória deve ser analisada como objeto de História (MENEZES, 1992, p.23).

Essas considerações são importantes ao analisarmos como determinados grupos compõem suas memórias e constroem lugares para estas, pois geralmente o discurso oficial esquece as identidades construídas dentro de seu espaço de atuação, e o que diz respeito ao pertencimento das classes subalternas. Como lembra Pollak, há geralmente diferenças entre uma memória legítima (estatal, oficial) e uma memória subalterna muitas vezes esquecida (POLLAK, 1989).

O que pode ocorrer também é que muitas vezes os grandes órgãos não se dão conta que a margem de seu sistema calculado para produzir efeitos estatísticos, pequenos grupos se formam e criam identidades de forma independente.

As práticas e experiências de grupos periféricos junto ao sistema formulam outras relações diversas àquelas do centro devido a sua distância em relação a este. Estas práticas e experiências não estão integradas a questões estatísticas, mas a inúmeras relações sociais que convergem em tradições e que o sistema simplesmente não contabiliza porque desconhece.

Assim quando o sistema descarta alguma parte de seu todo, por uma ou outra razão, entra em choque com essas formas de sociabilidade e de memórias compartilhadas que foram forjadas em seu seio, mas do qual nada sabe. No entanto para o grupo essas ações geram não apenas uma situação de desconforto, mas um sentimento de usurpação e opressão ao qual ele reage com as armas que tem.

Assim em meio a conflitos as identidades de gênero, etnias, e grupos sociais emergem para reivindicar seus direitos constituídos em meio ao desconhecimento de seus “superiores”. As experiências demarcam lugares sociais, objetivos e estratégias

partilhadas que apontam para uma consciência de classe múltipla e heterogênea, vinculada as ações do cotidiano e gestadas coletivamente.

Nesse sentido, a gestação do espaço é um fator que contribuiu para a formação das identidades, que embora possuam traços comuns de forma alguma são hegemônicas ou universalizantes. Muitas vezes essas identidades são individuais e o sentimento de pertencimento ao grupo possui uma coerência que não parece lógica, embora seja vivida no coletivo. Os traços individuais se conectam, se interligam, formando uma trama complexa e aparentemente sem discrepâncias.

As identidades forjadas no calor dos conflitos cotidianos estão, portanto, relacionadas às práticas e às estratégias do lugar, condicionadas ao lugar de sua produção. É o lugar que imprime no indivíduo suas características, mas o lugar é também uma fabricação do indivíduo, uma colonização do espaço.

Espaço, lugar e memória

O geógrafo Yi-Fu Tuan acredita que “espaço” e “lugar” seriam termos familiares que indicam experiências comuns (1983), mas há entre esses dois conceitos diferenças significativas, pois enquanto o lugar é a segurança o espaço seria a liberdade.

Para o autor os lugares “são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação” (TUAN, 1983, p.4), o espaço ao contrário está relacionado a amplidão, ao desconhecido, ao que está além do horizonte. Mas o autor lembra que os seres humanos podem transformar o espaço em lugar por meio da experiência.

Segundo Tuan:

Na experiência o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato que o lugar. O que começa com espaço indiferenciado transforma-se em lugar a medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (TUAN, 1983, p.06).

O lugar seria onde uma espécie de porto seguro, porque conhecido e valorado pela experiência. A experiência constrói representações sobre a realidade, pois está vinculada a forma como homens e mulheres significam e resignificam seus mundos. Assim, as experiências compartilhadas podem produzir memórias comuns.

Tuan conceitua a experiência como:

a capacidade de aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido e sua essência. O que ser conhecido é uma realidade que é um construto da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN, 1983, p.10).

Ao analisar os relatos das professoras percebe-se como suas experiências interferem nas memórias selecionadas, como estas são construídas nas práticas cotidianas as quais mesclam-se o mundo do trabalho, os valores familiares e os objetivos profissionais. Os eventos narrados pelas professoras são portadores de valores e significados tanto coletivos quanto individuais.

Nesse sentido, Ulpiano de Menezes lembra que a memória é “filha do presente. Mas como seu objeto é a mudança, se lhe faltar o referencial do passado, o presente permanece incompreensível e o futuro escapa a qualquer projeto” (MENESES, 1992, p. 14). Daí as memórias das professoras partem não de suas lembranças do passado, embora estejam ancoradas nele, mas do evento do presente, que exige que suas memórias sejam revisitadas e justifica suas posturas diante do acontecimento e suas perspectivas em relação ao futuro.

Ainda em relação aos relatos é possível perceber que estes podem ser direcionados, orientados pelo entrevistador. Como se o caminho fosse tortuoso, o narrador segue cautelosamente, buscando pistas de como prosseguir nos olhares e gestos de seu interlocutor.

Um exemplo disso foi à forma de preparação de uma das entrevistadas, que ao ser convidado a dar seu relato de experiência, questionou que perguntas seriam feitas e se não seria possível escrever as questões para que ela levasse para casa e se preparasse melhor. Pois, segundo ela, poderia esquecer algum detalhe importante e tinha muitas coisas para falar e queria lembra-se de tudo.

Entre a preocupação de dizer tudo, há também o cuidado de não revelar muito, os silêncios entre as conclusões das frases demonstram tato e esforço para não misturar o público e o privado, que inevitavelmente transparece nos valores e olhares que a fala não revela.

A escola e eu: (re) construindo narrativas de memórias.

Michel de Certeau escreveu que “todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço” (CERTEAU, 1998, p.200), partindo desse pressuposto pode-se perceber que as professoras iniciaram seu relato de viagem ao passado de formas diversas. Cada uma a seu modo trouxe suas lembranças marcantes, construindo itinerários com os pontos mais significativos para si.

As práticas do espaço constituíram lugares diversos: o lugar do narrador e da narrativa, o lugar do vivido e os lugares das memórias eleitas. Certeau acreditava que os relatos eram “aventuras narradas” uma vez que estas ao mesmo tempo:

produzem geografias de ações e derivam para os lugares comuns de uma ordem, não constituem somente um ‘suplemento’ aos enunciados pedestres e às retóricas caminhatórias. Não se contentam em deslocá-lo ou transpô-los para o campo da linguagem. De fato, organizam caminhadas. Fazem a viagem, antes ou enquanto os pés a executam (CERTEAU, 1998, p.200).

Assim a Primeira Professora³ a narrar suas experiências foi construindo sua caminhada, inscrevendo pela linguagem seu percurso naquele espaço, compondo, organizando, lapidando, (re) construindo suas memórias ao recordar e deixando entrever suas percepções e ligação com o lugar.

A narrativa se inicia pela localização em relação ao lugar:

Estou na escola há seis anos, quando entrei aqui tudo as coisas eram diferentes. Foi diferente porque na outra escola havia controle de material bem grande, (...) Passado a primeira gestão dela⁴ começou com cotas. A parte de material, a parte de relacionamento era também bem diferente, depois passados uns quatro meses começou os atritos que terminaram com essa gestão, os atritos. E sempre foi sentido assim que as mais antigas eram as mais queridas, quando eu achei que ia ficar com mais tempo, ia ser querida. (PRIMEIRA PROFESSORA, 2014)

³ Optei por não revelar o nome das professoras que cederam seus relatos de experiências, elas serão nomeadas apenas pela ordem das entrevistas concedidas, por isso a utilização da grafia com letra maiúscula ao me referir as elas.

⁴ Na escola atual, a professora se refere a gestão 2008.

O relato prossegue com a constatação das diferenças entre as administrações. Uma diferença que não está em questões burocráticas, embora a questão material apareça, mas que se refere às relações humanas, a não fazer ou não sentir-se parte do grupo. As relações do cotidiano também são relações de poder, que embora em escala microscópicas, submetem os atores sociais a suas regras muitas vezes opressivas, promovendo assim um sentimento de exclusão e inferioridade em relação a situações já assentadas.

Mas o poder, ou as relações de poder não podem ser sempre negativas, elas devem também ser positivadas, pois como escreveu Foucault:

se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo(...) (FOUCAULT, 1979, p. 83)

Desejo de pertencimento, ambição de fazer parte do grupo, do lugar, de ser aceito e reconhecido. As relações cotidianas de poder são produtoras de anseios ideológicos e mercadológicos. Mas essas produções geram conflitos e confrontos, a adaptação e aceitação nem sempre é fácil. O novato passa por ordálias para ser aceito e muitas vezes de forma parcial, isso pode ser constatado na fala da professora, ela conclui dizendo que: “então eu não cheguei a ser querida, e agora a gente está começando a sentir que faz parte da escola” (PRIMEIRA PROFESSORA, 2014).

Em relação à escolha da escola, são unânimes em dizer que suas escolhas se referem à proximidade de suas residências. A Primeira e a Segunda Professora sabem dizem que sabem sobre a escola que ela esteve relacionada ao estado anteriormente e que teria passado posteriormente ao município, mas não conhecem sua origem ou o contexto histórico da qual ela surge, ou mesmo sua ligação com a Igreja local.

Ao falar do relacionamento com as colegas a Primeira Professora acredita que se relaciona melhor com as colegas novas que com as antigas. Suas recordações estão associadas ao seu desempenho enquanto educadora, pois as memórias que surgem estão ligados à aprendizagem dos educandos, e a alguns alunos em particular. Para ela a

escola está sobrevivendo, e embora apresente tantos problemas de ordem logística (o prédio está velho, as instalações insatisfatórias), não a trocaria por outra.

A Segunda Professora, que tem o mesmo tempo de escola, também aborda a questão da acolhida quando da remoção para a escola São Jorge: “A acolhida foi excelente, era a professora Linda⁵, ela era muito dinâmica. Houve muitas mudanças como mudanças de direção, de pedagoga, e da clientela, cada ano os alunos chegam com mais problemas”(SEGUNDA PROFESSORA, 2014).

Quanto ao fechamento da escola esta diz:

Fiquei um pouco triste, até eu acho assim uma escola tradicional, podiam negociar, fazer construir uma escola próxima aqui, mas fechar uma escola assim, país decadente, né? A gente tem que abrir escola, não fechar escola, embora como eu te falei se fosse construído uma escola com o mesmo nome né? Como se fosse uma sequência dessa escola não como fechamento da escola, fiquei chateada porque a comunidade merece uma escola melhor. (SEGUNDA PROFESSORA, 2014)

O fato de mudar de escola, este ano, estava ligado à notícia de fechamento da escola, pois já havia sido convidada anteriormente para ir para uma escola integral, mas acredita que “trabalhar em dois ambientes dá uma visão melhor das coisas” (SEGUNDA PROFESSORA, 2014).

Para ela hoje a “São Jorge está mudada, quando ela entrou a direção da professora Linda era diferente, que fazia com que a gente fosse mais unida, ela estava sempre incentivando, motivando, era uma escola bem dinâmica” (SEGUNDA PROFESSORA, 2014).

Entre as memórias que ela guarda diz que:

São memórias boas, não posso dizer que teve algum momento ruim assim, além daquele que você diz não aguento mais, mas você vai para casa muda, pensa que amanhã vai ser diferente, o amanhã será melhor. Ontem uma mãe me fez chorar, estou chorando agora, eu sou emotiva. Ela olhou para mim e disse assim: “eu sou diretora de um CEMEI⁶, meu filho ficou no CEMEI por três anos, ele veio para cá não sabia nada, não sabia uma letra, e você alfabetizou o meu filho”, porque eu

⁵ Nome da diretora que estava a frente da escola quando de sua mudança.

⁶ Centro Municipal de Educação Infantil.

via assim, que ela sendo diretora me falou isso: “Eu sei que o que ele sabe hoje foi você que ensinou”(…) (SEGUNDA PROFESSORA, 2014)

Ainda emocionada a professora resumiu suas perspectivas não apenas em relação à escola, mais ao ensino como um todo:

Esperança... esperança de que as coisas vão melhorar, apesar de tudo eu gostaria assim, que o governo pensasse mais na educação, no sentido de dar mais apoio as crianças que precisam (...) Não depende do professor, depende do apoio de outros profissionais para que a aprendizagem ocorra de forma correta. (SEGUNDA PROFESSORA, 2014)

E concluiu falando de sua saída da escola “quando eu saí da Osni⁷, eu não senti nada praticamente (...) agora a vinda para cá, a gente criou laços de amizade”. O espaço assim, se transformou em lugar, adquiriu valor e significado.

A Terceira Professora a narrar sua experiência está na escola há quatro anos, ao ser questionada sobre o que sabe sobre a escola, diz que está:

É uma escola antiga, que eu acredito que..., que eu lembre assim tem mais de quarenta anos, né? Para comunidade aqui é uma escola boa, é uma escola excelente, que eu acho que segundo o desejo da cúria de tirar o pessoal da escola São Jorge não seria viável por ser uma escola padrão, uma escola para comunidade, uma escola que auxilia bastante a comunidade (TERCEIRA PROFESSORA, 2014).

Em relação aos boatos de fechamento da escola ela narra:

Fiquei muito triste, fiquei muito triste porque em relação a educação você não quer se se feche portas para a educação, e sim que sejam abertas portas para a educação. (...) Foi a escola que formou os meus filhos, foi a escola que foi o princípio dos meus filhos. Tanto o meu menino como a minha filha, na época foi o prezinho,(...) então eu acho seria uma realidade triste de se ver uma escola fechando, uma historia se fechado(...) A gente tem que se unir, o pessoal da escola, e não permitir que isso aconteça, por ser uma escola de excelência, que a gente pode dizer, uma escola ponto de referência para muitas famílias e que tem seus filhos formados hoje, que tiveram seus primeiros passos na escola São Jorge.(TERCEIRA PROFESSORA, 2014)

Entre as memórias mais marcantes cita:

⁷ Escola da rede municipal de ensino.

Tempo de estudo de meus filhos, já faz vinte anos mais ou menos porque os dois já estão formados. Mudanças das professoras que já saíram daqui, que a gente trabalhando com elas há tempos, a gente se torna uma família, e a mudança atualmente que foi a mudança de direção. Pros filhos também é uma recordação, dos amigos, das professoras, que recordam com alegria, às vezes com tristeza, porque quando se ouve a notícia de que escola ia fechar foi muito triste (TERCEIRA PROFESSORA, 2014).

Conclui dizendo que “a escola São Jorge representa o início de toda vida profissional dos meus filhos, é uma escola excelente, a relação entre amigos é excelente”(TERCEIRA PROFESSORA, 2014). Assim as narrativas das professoras revelam que sua ligação com o lugar, suas memórias e identidades são influenciadas pelas questões familiares, de formação profissional e cidadã, de seus laços de amizade e situações de conflitos.

Há uma preocupação com o futuro que emerge das memórias do passado, que justificam suas escolhas presentes e seus posicionamentos em relação a questões coletivas e que vão além da simples indignação pela retirada de uma situação de conforto.

Cada uma tem sua forma de olhar a escola e suas relações dentro dela, esse olhar é plural como suas experiências e expectativas, mas nem por isso deixa de ser legítimo, pois foi constituído por meio de suas práticas cotidianas. Essas práticas tanto individuais quanto coletivas proporcionaram memórias comuns ao grupo, relacionadas à sua formação profissional e as suas percepções da realidade.

Considerações finais:

Percebeu-se ao longo da análise que o lugar opera sobre as identidades tanto individuais quanto coletivas. Ao mesmo tempo este lugar é uma construção social e uma aspiração profissional que se transforma de acordo com os eventos, se movimenta e se altera formando, transformando e constituindo identidades, as quais são múltiplas, dinâmicas e significativas como as memórias as quais as professoras partilham.

As memórias das professoras da Escola Municipal São Jorge, não dizem respeito apenas ao seu cotidiano escolar, por vezes extrapolam esse espaço para buscar bases em

sua vida doméstica e acadêmica, são memórias forjadas na experiência cujos significados possuem valoração individual.

A identidade do grupo, não é homogênea e permanente, ela é transitória, esporádica, momentânea, está condicionada ao peculiar, e visível em eventos que as tiram de uma situação de conforto. Uma vez que o lugar é conhecido, a ideia do novo, do recomeçar tornou-se o ponto chave perceber como essa identidade desabrocha, ou de sua subida à superfície, onde se mostra sobre múltiplas facetas.

Assim, o lugar é o locus privilegiado para a criação e manutenção de identidades e memórias, algumas por vezes marginais, mas todas atreladas ao vivido, à experiência. O espaço arquitetônico, o patrimônio material em si não possui valor, é o lugar imaterial que é permeado de significado, de símbolos particulares e coletivos. A escola é mais que suas paredes, suas salas de aula e seus apetrechos tecnológicos, é o lugar comum, familiar, onde o passado revivido no presente tem aspirações de futuro.

Não há uma memória herdada, visto que elas são dispares e se relacionam com as experiências pessoais, também não há traços comuns que as liguem ao lugar, além daquele que aborda a proximidade de suas residências. Mas o lugar é valorado enquanto ambiente comum de partilha de experiências, de construção de status e harmonia do grupo.

Portanto a identidade das professoras da Escola Municipal São Jorge não foi forjada pelo lugar, constituiu-se com ele, concomitantemente a cada uma das identidades. Daí as memórias da escola serem múltiplas como as identidades dessas personagens e ambas se entrelaçarem tecendo uma paisagem complexa e mutante.

Fontes:

Entrevista concedida por Primeira Professora. *Entrevista I*. [dez. 2014]. Entrevistado: Simone Aparecida Dupla. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo .mp3 (00:20:09 min.).

Entrevista concedida por Segunda Professora. *Entrevista I*. [dez. 2014]. Entrevistado: Simone Aparecida Dupla. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo .mp3 (00:15:46 min.).

Entrevista concedida por Terceira Professora. *Entrevista I*. [dez. 2014]. Entrevistado: Simone Aparecida Dupla. Ponta Grossa, 2014. 1 arquivo .mp3 (00:16:39 min.).

Referências bibliográficas:

CERTEAU, Michel de. *Relatos de espaço*. In: A invenção do cotidiano: artes de fazer. Tradução de Ephraim F. Alves. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HUYSSSEN, Andreas. *Passados presentes*. In: Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. “*A História, cativa da memória?*”. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, nº 34. São Paulo, 1992.

PASSERINI, Luisa. *Memória e utopia em um mundo global*. In: Depois da utopia: A história oral em seu tempo. SANTHIAGO, Ricardo e MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. (org.) São Paulo: Letra e Voz, 2013.

POLLAK, Michael. “*Memória e identidade social*”. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

_____. “*Memória, Esquecimento, Silêncio*”. In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.